

**ZOLA E O MUNDO LUSOFONO : UMA VISADA À DISTANCIA**

Prof. Dr. Paulo MOTTA OLIVEIRA – USP<sup>1</sup>

Este ensaio é parte de um trabalho mais amplo sobre relações da obra de Zola, e em especial dos cinco romances em que aparecem Gervaise e seus filhos - **A taberna** (1878), **Naná** (1880), **Germinal** (1883), **A Obra** (1885) e **A besta humana** (1890) -, com o mundo lusófono. Aqui, após uma breve leitura do último destes romances, tentaremos analisar alguns aspectos de **O barão de Lavos**, de Abel Botelho, publicado um ano depois.

O enredo de **A besta humana** se desenvolve através de três núcleos bastante definidos. O primeiro, que tem como principais representantes Jacques, Severine e Roubaud, espacialmente está situado nas duas estações principais da linha Paris/Le Havre, e seus membros, com raras exceções, se deslocam entre estes dois pólos ao longo da narrativa. Já o segundo, localizado em Croix-de-Maufras, é composto principalmente pela família de tia Phasie e por Cabuche, e se caracteriza pela fixidez. O terceiro, sem uma posição geográfica precisa, mas centrado principalmente em Ruen e Paris, é composto, além do presidente Grandmorin e de sua família, principalmente por Camy-Lamotte e pelo sr. Denizet.

Os três núcleos representam, no romance, três classes sociais: uma grande classe média, composta por trabalhadores ligados a funções medianas na Companhia do Oeste, uma classe baixa, também ligada à Companhia, e uma pequena classe dominante, que chega a ter relações com o Palácio das Tulherias.

De início devemos notar que a dicotomia entre fixidez e deslocamento é uma das forças estruturadoras deste romance. Trata-se, sem dúvida, de um livro em que a maioria dos personagens se desloca, colocando principalmente o trem, mas também outros meios de transporte, em primeiro plano. Estamos diante de uma sociedade em que as dicotomias entre província e capital, entre velho e novo mundo parecem ter se diluído. Mas não para todos. Cabuche e a família de tia Phasie representam no romance os **confinados**. Se nesta categoria podemos incluir outros personagens, eles são os melhores representantes daqueles a que não é dado o direito de ir e vir, isolados nessa **ilha** de Croix-de-Maufras. Só lhes resta, de seu restrito e enclausurado espaço, olhar os felizes que por ali passam, nesse rio movido a vapor, que a todos irmana. A viagem tem, assim, uma clivagem social.

Este mundo que veda a uma parte de seus habitantes a possibilidade de se locomover, lhes dá, porém, o direito de padecer do mesmo mal de muitos daqueles que se locomovem:

E aquilo passava, passava, mecânico, triunfal, caminhando para o futuro com uma retidão matemática, na ignorância voluntária do que restava do homem, (...) oculto e sempre vivaz, a eterna paixão e o eterno crime.(ZOLA, 1993, p.54-55.)<sup>2</sup>

Em **A besta humana**, se por um lado temos o fulgor mecânico do progresso, este progresso está intimamente associado com lados mais sombrios do ser humano: a paixão, o crime e mesmo a barbárie. A cena final, da louca locomotiva sem condutor, levando em seu bojo uma multidão de soldados para a morte, é por demais clara.

Progresso e barbárie, futuro e morte, são termos intimamente relacionados no livro. O trem, exemplo máximo da velocidade, é também um meio especialmente propício para os

<sup>1</sup> O presente texto é uma versão reduzida do ensaio que será publicado em OLIVEIRA, 2007.

<sup>2</sup> Todas as traduções de **La bête humaine** foram realizadas a partir da edição referida, e confrontadas com ZOLA, 1955 e ZOLA, 1944. As de **Germinal** foram feitas a partir de ZOLA, 1995.

mais diferentes crimes, para as mais significativas atrocidades. Esta presença de um lado oculto e monstruoso, que utiliza inúmeras vezes dos meios do progresso para potencializar a sua ação, é algo que, no romance, irmana todas as classes. Mas se neste aspecto elas se assemelham, o mesmo não ocorre em relação à forma como esses desvios e crimes são punidos. O julgamento de Roubaud e Cabuche, culpados por crimes que não cometeram, é mais do que um erro judicial. Ele atende, de diferentes, mas complementares formas, aos interesses da classe dominante. Satisfaz tanto ao Sr. Camy-Lamotte - pois poderia reabilitar a memória do presidente e beneficiar, com isso, o Império - como ao sr. Denizet que, enfim, conseguiria a ascensão que tanto ansiava, e mesmo à filha do presidente Grandmorin. Se os dois não foram condenados à morte, mas sim à prisão perpétua, isto ocorreu devido a uma **luta de comadres**. O que estava em jogo não era a pena mais adequada, mas qual das duas senhoras, a já antiga madame Bonnehon ou a jovem madame Lachesnaye, teria maior influência no meio judiciário. Ou seja, os dois **criminosos**, que são representantes das duas outras classes presentes no romance, têm o seu destino traçado graças à luta de vaidades entre duas senhoras da classe dominante. Seu destino é, para elas, de fato irrelevante.

Esta cena, quase no fim do livro, nos remete a uma outra em seu início. Lembremos que Roubaud e Severine estavam em Paris, quando a narrativa se iniciou, pois o subchefe fora convocado para responder a um inquérito.

Então ele [Roubaud] contou em detalhe a forma como o chefe o recebera. Oh! Uma lavagem! Ele se defendera, dissera a verdade verdadeira, como o almofadinho do subprefeito se tinha obstinado em levar um cão no carro de primeira classe, quando havia um de segunda reservado aos caçadores e seus animais, a discussão que havia surgido e as palavras que haviam sido trocadas. Em suma, o chefe dera razão por ter querido fazer respeitar o regulamento (...) Decerto tê-lo-iam certamente transferido, se não fosse a recomendação do presidente Grandmorin. E ainda assim tivera de assinar, aconselhado por este, um pedido de desculpas que o presidente redigira (ZOLA, 1993, p. 28-29)

Como podemos notar, já no início do livro, o destino de Roubaud dependeu do favor de um membro da classe dominante. É impossível não lembrar, aqui de um trecho de Roberto Schwarz, sobre uma realidade bastante diversa da francesa. No Brasil, “com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional” e “Esteve presente por toda parte, combinando-se às mais variadas atividades, mais e menos afins dele, como administração, política, indústria, comércio, vida urbana, Corte etc.” (SCHWARZ, 1981, p.16). Podemos notar que também na França, pelo menos em parte, o destino da classe baixa, e mesmo da média, depende da intermediação de membros da classe dominante, ou de disputas entre estes.

Afirmar que a dicotomia entre fixidez e deslocamento era uma das forças estruturadoras deste romance. Como vimos se temos uma classe a que é vedado o movimento – a baixa – e outras duas que conseguem se deslocar, o que o romance acaba por construir é um outro tipo de visão sobre a França do fim do Segundo Império: existe, sim, uma classe fixa, centrada e que não é afetada pelos acontecimentos, e esta é a classe dominante. As outras duas, reféns desta, é que são classes em movimento, pois seu destino depende, em grande medida, daquela. Não são apenas os dois exemplos citados, ocupando momentos centrais da narrativa, que podem comprovar esta hipótese. Pensemos, aqui, na cena final do romance.

Que importavam as vítimas que a máquina esmagava no caminho! Não avançava ela para o futuro, independente do sangue derramado? Sem maquinista, no meio das trevas, como uma besta cega e surda, que se houvesse entregado às garras da morte, ela rolava, rolava, carregada com aquela carne para canhão, aqueles soldados já embrutecidos pela fadiga e que, ébrios, cantavam. (ZOLA, 1993, p.290.)

Certamente, ao fim do livro, a locomotiva pode ser considerada como o Segundo Império que, enlouquecido, rola desvairado para a guerra franco-prussiana que será o seu fim. Este final trágico e fúnebre nos faz lembrar que ao fim do livro muitos são aqueles que morreram: Louissete, recém-falecida no início da obra, Grandmorin, Flore, Phasie, Severine, Jacques, Pecqueux. Se Roubaud e Cabuche escapam desta sorte, vão passar o resto da vida confinados e a realizar trabalhos forçados. E os passageiros deste trem fantasma com que a história se fecha, lembram aqueles outros, que se feriram ou morreram, quando **morreu** Lison. Se existe uma clivagem de classe entre os que viajam e os que permanecem, existe uma outra. Se somarmos os dois prisioneiros aos mortos, da classe baixa apenas Missard, o silencioso assassino, sobrevive. Dos representantes da classe média apenas sobrevivem os personagens secundários, e mesmo entre eles podemos encontrar algumas vítimas, como a senhora Lebleu. A classe dominante, porém, com exceção de Grandmorin, atravessa incólume todo o romance, e chega a seu final preparada para sobreviver ao fim do Segundo Império. O romance parece indicar que aquele trem ensandecido, se matará os soldados bêbados que carrega em seu bojo, nada fará com os que, efetivamente, prepararam a guerra. A família do presidente, Cammy-Lamotte, o Sr. Donizet, estes são mais que sobreviventes: são os vitoriosos, o ponto fixo que ultrapassará a hectacombe. Eles, a classe que representam, irão perdurar.

Podemos articular as anotações que fomos deixando pelo caminho: este é um romance sobre uma classe que sobrevive. Acima dos pequenos e grandes acidentes e incidentes, da vida mesquinha e passional das classes média e baixa, os poderosos continuam, e terminam o livro tão fortes e vivos como em seu início. É certo, um deles é morto logo no começo. Mas, talvez, ele tenha cometido um delito. Trouxe, por seu capricho, para a classe média, alguém que deveria continuar a ser o que antes tinha sido: uma simples e reles filha de jardineiro. Se tivesse se satisfeito apenas em levar à morte representantes da classe baixa, como Louissete, talvez nada lhe tivesse ocorrido. Os **Cabuches**, mesmo raivosos, são de fato impotentes, e só servem para serem, o romance o mostra, verossímeis culpados de crimes que não cometeram. É preciso, apenas, tomar cuidado para não violar os valores morais pequeno-burgueses da classe média, a única que parece ter algum poder de se vingar. Feito isso, fixa e imutável, incorporando alguns novos **brilhantes** elementos como o senhor Denizet, a classe dominante, mesmo com algumas rixas internas, como aquela das senhoras Bonnehon e Lachesnaye, interessantes para fazer passar o tempo, está pronta para permanecer, incólume, aos acidentes e às quedas de impérios. Neste último romance sobre os filhos de Gervaise, no lugar do hipotético e utópico “exército negro, vingador, que germinava lentamente nos sulcos da terra, crescendo para as colheitas do século futuro” (ZOLA, 1995, p. 473.), encontramos, mais melancólica e realisticamente, uma classe dominante que permanece incólume a todos os acidentes.

O enredo **O barão de Lavos** centra-se em um peculiar triângulo amoroso. Começa por uma relação adúltera travada entre dois homens: D. Sebastião, o barão de Lavos, e o jovem Eugênio pelo qual o protagonista inicialmente se sente atraído e, ao longo da narrativa, vai se apaixonando. A relação tornar-se mais complexa quando Eugênio transforma-se também em

amante da esposa de Sebastião, Elvira. Será este segundo relacionamento que virá a por fim ao triângulo, quando o barão descobrir-se duplamente traído. Afastando-se de Eugênio e separando-se da esposa, o aristocrata entrará em uma cada vez mais acentuada decadência.

Um aspecto deste triângulo é, para a nossa análise, significativo: ele representa uma relação entre três classes sociais diversas. O barão descendia “por enxertia duplamente bastarda (...) [de] duas das mais antigas e ilustres famílias de Portugal” (BOTELHO, 1933, p.19). Já sua esposa pertencia a uma família de outra estirpe: “freqüentava particularmente o barão a casa do sr. Ignácio Migueis, antigo comerciante de panos, vivendo anchamente do passivo duma falência fraudulenta. Ele, a mulher e duas filhas casadoiras. Destas a mais velha, Elvira, não deixava de agradar ao barão.” (BOTELHO, 1933, p.32.)

Quanto ao amante:

[Eugênio] Nascera em Aveiro, dos amores dum militar com uma freira. Aos 10 saíra da Misericórdia para a casa de um armador, como serviçal. (...) A rudeza do trabalho marítimo não quadrava ao seu feitio delicado e mole. (...) Não podia... Duma ocasião, roubou ao patrão doze libras e fugiu para Lisboa. E (...) enquanto lhe tiniu metal na algibeira, **laureou** que foi um regalo. (...) Quando se derreteu toda a chelpa (...) então começou a vidinha a apertar... (...). Foi-se vendendo a farpela; ganhando a sua gorjeta por fazer um recado, segurar um cavalo, entregar uma cartinha (...). (BOTELHO, 1933, p.99-100.)

Diferentemente de **A besta humana**, em que existem vários personagens importantes, em **O barão de Lavos** a trama se desenvolverá praticamente centrada nestes três, aos quais se ligarão alguns outros, de importância esporádica e menor. Assim enquanto o livro de Zola apresentava três núcleos que representam três classes sociais, o de Botelho também apresenta três classes, concentradas, porém, no protagonista, em sua esposa e no jovem amante de ambos. Existe, assim, na obra uma **concentração** que, veremos, parece ser fruto não apenas de uma opção literária.

É interessante a relação que se estabelece, no romance, entre essas classes, e a própria forma como elas são delineadas. O barão não deixa de ter algumas semelhanças com o presidente Grandmorin. Nos dois casos temos homens – este muito mais velho que o português que começa a narrativa com 32 anos – que buscam amantes mais novos, pertencentes a classes sociais mais baixas. A satisfação de uma sexualidade **anormal** para os padrões morais da época exige, como contraparte, o poder econômico que possuem. Grandmorin parece ter uma relação utilitária e unilateral com suas amantes – as utiliza, e delas se descarta, quando não mais as quer. Existe uma evidente barreira de classe entre o presidente e os jovens corpos de que se utiliza. Sebastião também dispõe desta forma dos corpos, mas será bem diversa a relação que manterá com Eugênio. Monta-lhe casa, e tenta educá-lo. Após uma viagem que com ele fez a Sintra, começa a recebê-lo em sua residência em S. Cristóvão, e passa a freqüentar com o amante todos os espaços a que, antes, ia sozinho, e muitas vezes saem os dois também com a baronesa. Esta convivência freqüente causou estranheza, e espalhou-se “que o efebo morava na rua da Rosa, em casa mobiliada e mantida pelo barão. A coisa alastrou, soou, tomou corpo de escândalo” (BOTELHO, 1933, p. 182.). Apesar do escândalo o barão pôde transformar o seu amante – mesmo pertencente a uma classe social muito mais baixa – em seu companheiro freqüente. Pela estrutura de **A besta humana**, não poderíamos pensar em Louissete – a amante que mais se aproxima do perfil econômico de Eugênio – sendo levada, pelo presidente, a festas e reuniões, convivendo, de igual para igual, com a sua família. Mais do que uma diferença entre os enredos, isto parece indicar uma diferença entre as realidades retratadas. Mais mesquinha, menos segmentada, e

por isso mais maleável, a sociedade portuguesa parece permitir certas possibilidades impensáveis para um país **central**. De fato, as classes como aparecem em **O barão de Lavos** possuem um recorte muito menos preciso que as presentes em **A besta humana**. Notemos que se a baronesa representa a classe média, existe uma enorme distância entre ela e os representantes desta classe no livro de Zola. Se neste todos os personagens desta classe trabalham, ou são esposas ou irmãs de pessoas que trabalham, o pai de Elvira é alguém que vive do **passivo de uma falência fraudulenta**. Se alargarmos nosso olhar para outros personagens que circundam o barão e sua esposa, encontraremos pessoas que não estão ligadas a nenhuma tarefa produtiva: são militares, funcionários de ministérios, herdeiros ou personagens que ascenderam de forma não muito clara. Mas não é apenas a classe média que possui contornos pouco precisos.

Em **A besta humana** encontramos uma classe baixa muito bem definida, centrada em Croix-de-Maufras. Não existe nenhuma proximidade entre esta e o mundo dos desempregados, bandidos, arruaceiros. Mesmo Cabuche, que já havia sido preso, está distante deste mundo. É sabido, por sinal, o hercúleo trabalho que tentou ser feito, durante todo o século XIX, para separar a classe trabalhadora pobre do universo dos marginais. Esta separação, porém, parece ainda não ter atingido o extremo ocidental da Europa. Existe, no livro de Abel Botelho, uma grande proximidade entre estes trabalhadores ocasionais, que vivem de vários expedientes – como Eugênio – e os mundos do teatro, do meretrício e de outras formas de contravenção. Assim, se não temos uma verdadeira classe média, o mesmo também ocorre com a classe pobre: sem serem, de fato, operários, sem possuírem uma função social definida, temos uma chusma de desfavorecidos que eclode em vários momentos do romance, e que vai vivendo como pode, vendendo um pouco de tudo, de jornais ao corpo, e tentando garantir, com esforço e alguma manha, a comida do dia seguinte. Mesmo em romances como **A taberna** de Zola, em que existe uma maior permeabilidade entre os podres e o mundo da baixa marginalidade, não encontramos algo semelhante, pois lá, ao menos, o trabalho, o efetivo trabalho, surge como uma possibilidade, por mais que muitas vezes os personagens não consigam por ele optar, como demonstra o fracasso de Gervaise, Lantier e Coupeau.

Mas, se estas duas classes são assim descritas, é na trajetória do protagonista, que representa a classe dominante, única personagem a atravessar toda a narrativa, que encontramos os dados mais reveladores desta diferença. Como o próprio título do romance já o indica, a classe dominante é representada por um verdadeiro nobre, pertencente a uma ancestral família, e não por burgueses endinheirados, como ocorre no livro de Zola. Estamos, assim, diante de uma sociedade em que a nobreza ainda tem um papel a representar. Mas o que o romance encena é, em certo sentido, o soçobrar desta classe. Em relação a este aspecto algumas considerações são interessantes. No início do segundo capítulo, quando nos é apresentada pela primeira vez a esposa do barão, temos o trecho: “Quando entrou em casa (...) o barão proferiu, no tom frio e breve de quem se desobriga dum dever banal – Boa noite, **Vivi**; enquanto deixava cair maquinalmente um beijo nos crespos riçados sobre a testa da pequenina baronesa, que lia com interesse **Madame Bovary**.” (BOTELHO, 1933, p.13.).

Publicado mais de trinta anos após o romance francês, o livro de Botelho aborda, como o de Flaubert, um desejo proibido, um **desvio** da normalidade que acaba por levar o protagonista à morte. Sebastião é, em certo sentido, uma versão portuguesa de Emma Bovary. Mas, ao sê-lo, acaba por mostrar uma faceta curiosa de sua trajetória. O fim trágico de Emma, e, de certa forma, também o de sua versão portuguesa, Luísa de **O primo Basílio**, deve-se menos a um desvio das normas sexuais aceitas, e mais a problemas financeiros. O suicídio da esposa de Charles não ocorre por motivos sentimentais – notemos que, apesar de todo o sofrimento, ela conseguiu sobreviver à fuga de Rodolphe – mas por razões econômicas. A

senhora burguesa, casada com um médico de província, tinha gastos muito acima do que lhe permitia seu apertado orçamento, e caiu na teia do habilidoso Lheureux.

Também o destino do Barão de Lavos, a sua inexorável decadência, deve-se a motivos muito mais econômicos do que físicos ou morais. Entre outros exemplos, isso pode ser comprovado, pois um outro personagem, Xavier da Câmara, que também possuía um comportamento **moralmente inadequado**, teve um destino oposto ao de Sebastião. Como nota o coronel Militão, Câmara, personagem que havia feito propostas a Eugênio, “foi amante do falecido comendador Pereira (...) e roubou-o”, devendo o “desafogo insolente” em que vivia ao desaparecimento da fortuna de seu antigo amante, que ao morrer deixou apenas “um espólio de dez ou doze contos” (BOTELHO, 1933, p. 184-185.).

Como podemos notar, se o protagonista acaba por se transformar em um “asqueroso truão”, isso deve-se, em grande parte, a motivos econômicos. Morando de favor na casa de um outro nobre, vivendo de esmolas dadas por amigos, o Barão termina o livro bem longe do “noctívago caçador de efebos” (BOTELHO, 1933, p.3.) que, no início da obra, passeava pela rua do Salitre, bem vestido e pronto a comprar, quando necessário, o prazer que desejava. Esta decadência financeira é em parte explicada no livro pelos gastos excessivos que teve com seu amante, agravados por sua esposa que, quando passou a usufruir dos favores do efebo, para ele forneceu somas consideráveis. A total inabilidade financeira acabou por destruir o pouco que lhe restava.

Certamente, porém, todos esses motivos só o puderam levar à bancarrota pois ele não era tão rico como parecia, não dispunha de capitais infindáveis decorrentes das terras que possuía. Ele já é, no início da obra, um simulacro da nobreza, vivendo dos restos de opulência que as posses de sua ancestral família ainda podem lhe dar. Diferentemente de **Madame Bovary** em que um hábil comerciante soube acumular aquilo que Emma foi perdendo, o dinheiro do barão vai se esvaindo de suas mãos, e ao fim da narrativa toda a fortuna desapareceu, sem nada ter produzido, sem nem mesmo transformar o seu antigo amante em alguém enriquecido.

Se, ao analisarmos **A besta humana**, notamos que o livro fala de uma classe que a tudo sobrevive, em **O barão de Lavos** temos justamente o inverso: estamos diante de uma classe que se dissolve, sem que nenhuma outra venha a substituí-la. Ao fim da narrativa, em um processo quase circular, o barão acaba por morrer em um espaço muito semelhante àquele que abre o livro. Eugênio há muito sumira da narrativa, transformado em cantor de opereta. A baronesa vive maritalmente com Horácio Martins, seu primeiro namorado. O barão não faz falta, nada efetivamente se modificou, e ficamos com a sensação de estar diante de uma sociedade provinciana, pouco desenvolvida em termos capitalistas, em que tudo é um pouco possível, nada completamente proibido. Sociedade sem uma efetiva classe dominante, navio um pouco à deriva, à espera de um mirífico porto em que consiga aportar. Parece-nos aqui já escutar Fernando Pessoa a dizer, mais de trinta anos depois, que “Portugal, hoje és nevoeiro” (PESSOA, 1986, p.89).

Certamente esta aproximação fecha-se deixando apenas antever a necessidade de um estudo mais amplo entre os diálogos da produção de Emile Zola com a de outros escritores portugueses e brasileiros. Poderemos, assim, melhor traçar o perfil seja da França – em que chegamos a encontrar facetas que não seriam de se esperar em um país **central**, como ocorre com a presença do favor – seja de Portugal e do Brasil. Apenas buscando outros autores que, de forma diversa e por vezes crítica, incorporaram aspectos do preciso olhar de Zola, como Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós, Aluísio de Azevedo e mesmo Machado de Assis, é que será possível traçar um painel mais amplo, e um pouco mais completo, das representações da sociedade na literatura do último quartel do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOTELHO, Abel. **O barão de Lavos**. Porto: Lello, 1933.
- OLIVEIRA, Paulo Motta. **Figurações do Oitocentos**. São Paulo, Ateliê, 2007.
- PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1981.
- ZOLA, Émile. **A besta humana**. Rio de Janeiro: Vecchi, 1944, que foram confrontadas com o original.
- ZOLA, Émile. **A besta humana**. São Paulo: Cia. Brasil Editora, 1955.
- ZOLA, Émile. **Germinal**. Paris: Booking International, 1995. p. 473.
- ZOLA, Émile. **La bête humaine, L'argent, La débacle, Le docteur Pascal**. Paris: Éditions Robert Laffont, 1993.